

MICTI - BOLSISTA CNPQ PIBIC/ PIBIC-EM/ PIBIC-AF - 13. CIÊNCIAS  
HUMANAS - OUTRA

**A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA  
CONTRAPONDO A ANÁLISE GEOPOLÍTICA DO GENERAL GOLBERY DO  
COUTO E SILVA AO CENÁRIO ATUAL**

*André Toreli Salatino (andre.salatino@ifc.edu.br)*

*Daniel Ivori De Matos (danielmattos.historia@gmail.com)*

*Gabriele Gonçalo Dos Santos (gabi.s.goncalo@gmail.com)*

*Maísa Munzlinger Vicente (maisamunzlinger@gmail.com)*

A política externa contemporânea realizada na gestão do ex-chanceler Ernesto Araújo (2019-2021) baseou-se num “alinhamento sem reciprocidade aos Estados Unidos” e ao governo Trump, apresentando mudanças significativas em relação às políticas empreendidas na primeira década do século XXI, na qual o Brasil buscou o aumento de sua integração no âmbito da América do Sul. Este projeto buscou compreender essa postura contrapondo à obra de um clássico da geopolítica nacional, que contribuiu para a elaboração da doutrina da Escola Superior de Guerra e influenciou a construção da política externa do general Castelo Branco. Para tanto, além da leitura da obra Geopolítica do Brasil, do general Golbery do Couto e Silva, realizamos pesquisas bibliográficas buscando compreender a condução da política externa brasileira e suas especificidades nos momentos históricos analisados a partir de livros, artigos científicos, documentos oficiais, e acompanhando notícias veiculadas

pela mídia e destaques do portal do Itamaraty. Observamos que ao longo da história das relações internacionais brasileiras houve períodos de maior proximidade com os Estados Unidos. Na década de 1960, o governo Castelo Branco buscou reverter posições da Política Externa Independente, realizada num período nacionalista, que teria criado “áreas de atrito” com os Estados Unidos e dificultado a relação com o capital estrangeiro. Contudo, sua subordinação à superpotência do mundo Ocidental não trouxe os resultados esperados nem em termos da abertura de mercados, nem de investimentos externos. No início do século XXI, podemos observar um maior protagonismo brasileiro na política regional, descolado de tal subordinação estratégica. Dentre as iniciativas que impactaram um cenário marcado por este protagonismo tivemos a reativação da IV Frota Naval dos Estados Unidos que atua sobre o Atlântico Sul e, no âmbito do continente, o acordo militar norte-americano com a Colômbia. Também observamos nesse período a maior presença chinesa nessa porção do continente. Incluída num cenário de maior ativismo americano sobre a América Latina, a gestão do chanceler Ernesto Araújo intensifica uma “correção de rumos” que se inicia no governo Temer, apontando novamente para a submissão estratégica aos interesses norte-americanos, posição que se enquadra nas considerações geopolíticas postas por Golbery. O caráter ideológico desta política externa conservadora aparece, por exemplo, nas posições em relação à questão venezuelana; Israel-Palestina; sua aproximação com os principais governos de direita da Europa e em diversos episódios de desgaste com o governo chinês, que passou a ser revertida com a pressão do agronegócio, a intervenção do vice-presidente Mourão e de veículos da mídia. Do ponto de vista estratégico, vemos semelhanças entre os dois períodos numa perspectiva de grande integração Brasil-Estados Unidos no âmbito da Defesa, de uma subordinação visando à “eliminação de atritos” e numa vinculação discursiva e prática da política externa brasileira ao “Ocidente”. O que vemos ser realizado na política externa contemporânea consiste na retomada de uma geopolítica inconclusa, que sacrifica a política de poder em nome de uma dimensão ideológica civilizacional estranha à geopolítica e ineficaz em seus resultados. Este trabalho contou com suporte financeiro do Ed.68/2020/IFC CNPq-PIBIC-EM Suplementar e 010/2020/IFC Fraiburgo.